

A presença da religiosidade na toponímia de Anápolis (GO)

Larissa Ferreira de Souza (PG)¹ *; Ewerton de Freitas Ignácio (PQ)

UEG Câmpus Anápolis CSEH: Av. Juscelino Kubitschek, 146 - Jundiá, Anápolis - GO, 75110-390

Resumo: Este artigo apresenta parte da dissertação intitulada provisoriamente, “A presença da religiosidade na toponímia: um estudo interdisciplinar dos bairros de Anápolis (GO)”, que está sendo desenvolvida sob orientação do professor Dr. Ewerton de Freitas Ignácio. As análises e reflexões referentes ao objeto de pesquisa em questão, os nomes dos bairros da cidade de Anápolis estão inconclusas. Os resultados do primeiro problema da pesquisa: ‘Que aspectos religiosos permeiam as motivações para escolha das designações toponímicas dos bairros da cidade de Anápolis (GO)?’ foi respondida parcialmente no artigo “Projeto de dissertação: A presença da religiosidade na toponímia de Anápolis (GO)” apresentado no III CEPE e publicado nos anais eletrônicos desse evento. Neste artigo, a segunda problemática: ‘Quais as implicações desse processo denominativo na sociedade local?’ ganha destaque. Enquanto um estudo interdisciplinar, o embasamento teórico apoia-se em estudos de teóricos de diferentes campos do conhecimento: Dick, da Mata, Weber, Marx, Durkheim, Berman, entre outros. E conta com pesquisa documental, bibliográfica e no Censo do IBGE 2010.

Palavras-chave: Bairros. Desencantamento da toponímia. Desencantamento do mundo.

Introdução

Anápolis assim como uma parcela das cidades brasileiras surgiu de um patrimônio religioso. Isso não significa dizer que nessa localidade já não existissem alguns habitantes locais. Mas todo processo de fundação do lugar, que viria a se tornar uma cidade, se desenvolveu a partir de uma doação de terras por um grupo de fazendeiros a Sant’Ana. Como afirma Alves (2014, p. 30) “O processo de fundação de grande parte das cidades brasileiras se deu pela doação de terras a um santo padroeiro, que em seguida tinha a construção de seu templo”.

Esse mesmo historiador explica que durante o período Imperial, a Igreja Católica era a religião oficial do Estado. Portanto, nessa época era comum o reconhecimento de um povoado por meio dos “chãos doados” por fiéis a um determinado santo, que se tornaria o padroeiro daquela localidade. Lembrando que o período Imperial no Brasil se estendeu de 1822 até 1889 e a doação do patrimônio

¹ larissaferraso@hotmail.com

a “Nossa Senhora Santana” data 25 de abril de 1870. Anápolis, que etimologicamente vem a ser ‘Cidade de Ana’ em referência a Santa Ana ou Sant’Ana, se encaixa perfeitamente nesse modelo.

Mas ao que tudo indica o fervor religioso presente em Anápolis não é apenas uma característica histórica da cidade e sim uma realidade. De acordo com o último Censo do IBGE. Em 2010, 92,65 % dos 334.613 habitantes se declararam cristãos. A maioria segue a religião católica apostólica romana, 190.204 habitantes (56,84%); em segundo lugar seguem os declarados evangélicos, 115.244 habitantes (34,44%) e por último a religião espírita, 4.587 habitantes (1,37%).

A doutrina espírita foi incluída aqui como cristã, embora alguns estudiosos não a considerem como tal. Sendo esse o caso do sociólogo brasileiro Antônio Flávio Pierucci. Para ele o Espiritismo não é uma religião cristã. Ele afirma que os espíritas utilizaram o Cristianismo para se legitimarem. Já outros acadêmicos a consideram uma espécie de neocristianismo. (SARMATZ, 2017). Enfim, discordâncias à parte, essa amostragem demonstra a força do espírito religioso ainda presente na cidade.

Em alguns momentos esse espírito se evidencia e isso ocorre principalmente durante a maior festa nacional, o Carnaval. Durante esse período, todos os anos, Anápolis, ao invés de oferecer opções de festas típicas dessa época torna-se palco de tradicionais eventos religiosos, tais como o Congresso de Mocidades Evangélicas Pentecostais, o Comepe; o Congresso da União das Mocidades das Assembleias de Deus em Anápolis – Ministério Madureira, a Umada e o Festival de Jesus realizado pela Comunidade Católica Nova Aliança. (CAVALCANTE, 2017).

Partindo do princípio que tal cidade carrega em seu nome, história e realidade uma forte influência religiosa, que por sua vez se reflete em sua população local. Torna-se interessante analisar se esse processo denominativo, que teve início com o nome da cidade se perpetuou em outros topônimos, no caso, nos nomes de seus bairros. E é aí que se encaixa o estudo onomástico-toponímico proposto por esta pesquisa.

Resumidamente, neste primeiro momento é preciso explicar que dentro da Linguística, área do estudo científico da linguagem existe as Ciências do Léxico, dentre elas, a Lexicologia. E dentro da Lexicologia se insere a Onomástica, responsável por estudar os nomes próprios. Os nomes atribuídos a pessoas cabem a *Antroponímia*, e os nomes próprios atribuídos a lugares a *Toponímia*.

É importante entender que o estudo toponímico se torna enriquecedor à medida que considera os aspectos intra e extralinguísticos do topônimo. Indo além da significação linguística do topônimo, indo à busca das causas, das origens da denominação, ou seja, da motivação toponímica. (ANTIQUERA, 2011). Carvalhinhos explica que o topônimo só pode ser entendido em relação a três fatores:

É a articulação crítica do nome em relação a três fatores: o homem que o produz, dentro de determinada cultura (de acordo com sua cosmovisão), situado em determinado espaço e em certa temporalidade. Somente enquadrando o topônimo neste tripé é possível compreendê-lo e interpretá-lo como realmente é, e não apenas como componente de uma “lista de nomes seguida do provável significado”. (CARVALHINHOS, 2008, p. 12).

Por vezes o estudo dos nomes é puramente linguístico, mas como afirma Antiquera (2011, p. 40) “um bom estudo toponímico é aquele capaz de equacionar os fatores internos e externos”. Ou seja, um bom estudo toponímico é aquele que não estuda apenas etimologicamente e morfologicamente um topônimo e sim aquele que estuda o motivo do denominador, entre outras questões. Com o propósito de reconhecer as relações entre os estudos onomásticos toponímicos e outros campos do conhecimento humano, este trabalho contará com estudiosos de diferentes áreas, dentre elas além da linguística, da história, da sociologia e da religião.

Abaixo segue um esboço da pesquisa em andamento cujo objetivo geral é estudar os topônimos, os nomes de bairros de Anápolis (GO) quanto à motivação de caráter religioso, suas relações com a história e a cultura da cidade, visando apresentar a sua taxionomia toponímica e refletir sobre o princípio norteador das denominações, ou seja, a religiosidade presente na cidade.

Material e Métodos

A fim de identificar o contexto histórico da cidade de Anápolis (GO) e narrar sua história inicial, que compreende o período de 1870-1907, da formação do núcleo urbano até a sua elevação à cidade serão utilizados diferentes historiadores e estudiosos, a exemplo, Alves (2014), Borges (2011), Chiarotti (2011), Ferreira (2011), Polonial (2011) e Ramos (2013). Para tanto, um levantamento bibliográfico (artigos, ensaios, dissertações, teses e livros) referente aos aspectos históricos da

cidade de Anápolis e uma pesquisa documental no CEDOC (Centro de Documentação) da UEG - Câmpus Anápolis CSEH e no Museu Histórico Alderico Borges de Carvalho serão necessários.

Uma coleta de dados em diferentes fontes, além dos já oferecidos pelo Censo do IBGE 2010, tais como jornais locais complementam o objetivo de se obter informações que comprovem que a formação religiosa do povo anapolino ainda perdura.

Uma pesquisa documental na Mapoteca da cidade e no CEDOC da Câmara Municipal de Anápolis é indispensável para a obtenção do *corpus* do trabalho, que conta até o momento com 61 topônimos. As informações intra e extralinguísticas do *corpus* deste trabalho serão organizadas em fichas lexicográfico-toponímicas. Para a confecção dessas fichas será fundamental a pesquisa em linha documental, a pesquisa na internet, no *Google Maps*, no site da Câmara Municipal de Anápolis e a utilização de dicionários etimológicos. Tais fichas ficarão em anexo na dissertação.

Por meio de um amplo levantamento bibliográfico referente aos estudos onomásticos, que constituirá parte da metodologia serão apresentados alguns conceitos linguísticos importantes para o entendimento da pesquisa ao qual se pretende realizar. Serão abordadas também a importância do caráter interdisciplinar dos estudos onomásticos toponímicos e verificar as motivações religiosas presentes nos topônimos locais.

Por fim pretende-se com esta pesquisa analisar a relação entre a religião e a sociedade através do processo denominativo. Por tanto o diálogo deste estudo conta com os seguintes teóricos: Sérgio da Mata (desencantamento da toponímia), Max Weber (desencantamento do mundo, racionalização e secularização) e Marshall Berman (questão da modernidade). Como serão apresentadas as principais abordagens teóricas das Ciências Sociais acerca da relação entre religião e sociedade. As três perspectivas clássicas da sociologia a respeito do fenômeno religioso, ou seja, a perspectiva de Karl Marx, de Émile Durkheim e de Max Weber serão estudadas.

Resultados e Discussão

Os estudos toponímicos ainda são recentes no Brasil em comparação com a Europa, que conta com estudos sistematizados nessa área desde o século XIX, a

exemplo, tem-se o estudioso francês Auguste Longnon, que introduziu seus ensinamentos toponímicos de modo regular na *École Pratique des Hautes-Études* e no Colégio de França, por volta de 1878. (DICK, 1990b). No Brasil, os estudos nessa área se intensificaram no século XX e estudiosos, tais como Theodoro Sampaio, Levy Cardoso e Carlos Drumond se destacam.

Já os estudos da professora e pesquisadora da USP, Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick têm servido como base para os pesquisadores da área desde a década de 80. Suas principais obras são: *A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo: 1554-1897* (1996), *A motivação toponímica e a realidade brasileira* (1990) e *Toponímia e antroponímia no Brasil. Coletânea de Estudos* (1987).

Devido a esse fato, que o principal referencial teórico desta pesquisa relacionado aos estudos linguísticos são os trabalhos da Dick. A taxionomia toponímica proposta por ela é composta por 27 taxes divididas em dois grupos, as taxionomias de natureza física e as de natureza antropocultural. As que serão amplamente citadas na pesquisa estão todas relacionadas à religiosidade e pertencem ao segundo grupo. Os *hierotopônimos* são topônimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças, às efemérides religiosas, às associações religiosas e aos locais de culto. Os *hagiotopônimos* são os topônimos relativos aos santos e santas do hagiologioromano. (DICK, 1990b).

A taxionomia de motivação religiosa também considera os *mitotopônimos*, topônimos relativos às entidades mitológicas. (DICK, 1990b). Em um primeiro momento foi pensado em estudar os *mitotopônimos*, porém foi decidido nesse ponto da pesquisa em se trabalhar apenas com os topônimos de motivação religiosa ligados ao Cristianismo, visando observar se a influência religiosa transparecida no nome da cidade refletiu no processo de nomeação de outros topônimos da localidade.

A princípio a intenção desta pesquisa era estudar apenas os 61 topônimos, nomes de bairros de motivação religiosa atuais, porém como será verificado se ocorreu na toponímia anapolina o que o historiador brasileiro Sérgio da Mata denominou *desencantamento da toponímia*, os demais nomes de bairros precisam ser analisados.

O termo *desencantamento da toponímia* foi cunhado em 2004, por esse historiador, inspirado no conceito de *desencantamento do mundo* de Weber. Com o intuito de clarificar o conceito *desencantamento do mundo* Pierucci revela:

Eis, pois, o resumo quantitativo das acepções dadas ao termo por seu autor: das dezessete incidências do significante, em nove ele vem usado para significar “desmagificação”; em quatro, com o significado de “perda de sentido”; e nas quatro restantes ele vem com as duas acepções. (PIERUCCI, 2013, p. 58).

Estudando a extensa obra de Weber, o sociólogo brasileiro Pierucci identificou dezessete significados para o termo *desencantamento do mundo*, que podem ser divididos em três campos de significação: ‘desmagificação’, ‘perda de sentido’, ‘desmagificação’ e ‘perda de sentido’ concomitantemente. De forma simplista tal termo pode ser compreendido como a perda da crença no sobrenatural e na magia e é nesse sentido que tal conceito será trabalhado nesta pesquisa. Esse conceito dialoga com outros termos weberianos, por isso as noções de *racionalização* e *secularização* também serão estudadas.

Voltando ao termo *desencantamento da toponímia*, nos três textos de mesmo nome, Sérgio da Mata aborda a questão da progressiva laicização dos nomes de povoações em Minas Gerais, ocorrida na primeira metade do século XX. Estudando e analisando a presença efetiva dos motivos religiosos nos topônimos de Minas Gerais no século XIX, e comparando os dados obtidos com a situação de fins do século XX, o historiador verificou a existência e a extensão do processo de *desencantamento da toponímia* mineira. Por fim, ele concluiu que o *desencantamento da toponímia* foi resultante da adoção de determinadas políticas públicas, produto de uma racionalização compulsória, e esclarece que o *desencantamento da toponímia* não necessariamente corresponde a um *desencantamento do mundo*. (MATA, 2004).

O que pode ser elucidado até o momento a respeito do funcionamento do processo denominativo dos topônimos locais é que em Anápolis não existe nenhuma lei que regulamenta a denominação de bairros.

O que se constatou na leitura da documentação de alguns bairros foi que eles foram nomeados pelos proprietários dos loteamentos. Em todos os documentos analisados até o momento, o proprietário sugere o nome do bairro e esse é aprovado junto com o loteamento pela Prefeitura. Isso acaba se tornando relevante para o estudo, pois mostra que há uma liberdade no processo de nomear em Anápolis o que facilitará esta pesquisa, pois permite de fato, perceber a cosmovisão da população local e não de seus dirigentes.

Os nomes de todos os bairros da cidade de Anápolis serão estudados a fim de se ter um panorama geral do processo denominativo. O que não será tarefa fácil, visto que a Mapoteca da Prefeitura de Anápolis não possui essa informação. O que foi constatado até o momento de acordo com a listagem encontrada nesse departamento é que a cidade de Anápolis possui cerca de 320 bairros. Porém nos últimos anos, dezenas de loteamentos novos foram inaugurados e suas documentações e mapas ainda não foram arquivados na Mapoteca, portanto esse número deve aumentar. Sites que trazem o índice dos bairros da cidade de Anápolis também foram pesquisados e eles não trazem os nomes dos bairros mais recentes.

Considerações Finais

A intenção, portanto, deste estudo será estudar a relação entre sociedade e religião tendo como fonte, os nomes, ou melhor, o processo denominativo dos bairros de Anápolis. O historiador da Mata (2005, p. 122) reconhece “que os nomes constituem uma forma particularmente interessante, embora ainda pouco explorada, de fonte histórica”.

Os 61 topônimos, nomes de bairros de motivação religiosa atuais, e os demais que perderam essa motivação ao longo do tempo, como foi o caso do atual bairro Jardim *Ana Paula*, que se chamava *Vila São Miguel* e do Residencial *Granville*, que se chamava *Paraíso* serão os objetos desta pesquisa.

Caso tenha ocorrido a perda progressiva da motivação religiosa no processo denominativo desses topônimos, tal fato oferece dois indicativos: o de que houve um *desencantamento da toponímia* local e o de que esse desencantamento pode ser o reflexo da perda da crença no sobrenatural pela sociedade local, ou seja, refletiria o que Weber denominou *desencantamento do mundo*.

Agradecimentos

Agradeço a CAPES pelo oferecimento da bolsa de mestrado e aos professores do programa, os doutores Ademir Luiz da Silva, Eliézer Cardoso de Oliveira, Maria Idelma Vieira D’Abadia e Mary Anne Vieira Silva as sugestões dadas durante o Seminário de Aprimoramento do Projeto de Pesquisa do GT4. Agradecimento especial ao meu orientador professor doutor Ewerton de Freitas Ignácio.

Referências

ALVES, Daniel Araújo. **De Antas a Anápolis**: a história de formação do município. Goiânia: Kelps, 2014.

ANTIQUEIRA, Virgílio. **Cada Nome Uma História**: dos Nomes Geográficos de São Bernardo do Campo aos Nomes das Ruas e Vilas do bairro de Rudge Ramos. 2011. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. Tradução Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BORGES, Humberto Crispim. **História de Anápolis**. Goiânia: Kelps, 2011.

CARVALHINHOS, Patricia de Jesus. Estudos de Onomástica em língua portuguesa no Brasil: perspectivas para inserção mundial. In: LIMA-HERNANDES, Maria Célia; MARÇALO, Maria João; MICHELETTI, Guaraciaba; MARTIN, Vima Lia de Rossi. (Org.). **A língua portuguesa no mundo**. São Paulo: FFLCH-USP, 2008. Disponível em: <http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/01_10.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2017.

CAVALCANTE, Luana. Anápolis se prepara para receber milhares de fiéis para eventos religiosos no Carnaval. **Jornal Estado de Goiás**, Anápolis, 17 jan. 2017. Disponível em: <<http://www.jornalestadodegoias.com.br/2017/01/17/anapolis-se-prepara-para-receber-milhares-de-fieis-para-eventos-religiosos-durante-o-carnaval/>>. Acesso em: 28 abr. 2017.

CHIAROTTI, Miriam Vanessa de Moraes; CHIAROTTI, Tiziano Mamede. Os 140 anos da Igreja Sant'Ana: O marco histórico oficial de Anápolis (1871-2011). In: CADERNO de Pesquisas – Museu Histórico de Anápolis “Alderico Borges de Carvalho”, ano 3, nº. 1 e 2. Anápolis, GO, 2011. p. 8-18. Disponível em: <

[http://www.anapolis.go.gov.br/portal/arquivos/files/Caderno4\(1\).pdf](http://www.anapolis.go.gov.br/portal/arquivos/files/Caderno4(1).pdf)>. Acesso em: 22 jul. 2017.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A dinâmica dos nomes na cidade de São Paulo: 1554-1897**. São Paulo: Annablume, 1996.

_____, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990a.

_____, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Toponímia e antroponímia no Brasil**. Coletânea de Estudos. 2. ed. São Paulo: FFLCH-USP, 1990b.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FERREIRA, Haydée Jayme. **Anápolis, sua vida, seu povo**. 2 ed. Goiânia: Kelps, 2011.

IBGE. Anápolis. 2010. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=520110&search=goias|anapolis|infograficos:-informacoes-completas>>. Acesso em: 28 abr. 2017.

MATA, Sérgio da. O desencantamento da toponímia. In: SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE ESPAÇO E CULTURA, 4, 2004, Rio de Janeiro. Religião e Espaço: o debate interdisciplinar, 2004.

MATA, Sérgio da. O desencantamento da toponímia. In: ROSENDAHL; Zeny; CORRÊA; Roberto Lobato. (Org.). **Geografia: temas sobre cultura e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005a. p. 115-140.

MATA, Sérgio da. Desencantamento da toponímia. In: SIMPÓSIO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES, 7, 2005, Belo Horizonte. O Sagrado e o Urbano, 2005b.

ORO, Ari Pedro. O apelo à religião. In: BOMBASSARO, Luiz Carlos; RI JÚNIOR, Arno Dal; PAVIANI, Jayme. (Org.). **As Interfaces do Humanismo Latino**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 301-316.

PIERUCCI, Antônio Flávio. **O desencantamento do mundo**: todos os passos do conceito em Max Weber. 3 ed. São Paulo: FFLCH-USP/Editora 34, 2013.

POLONIAL, Juscelino Martins. **Anápolis nos tempos da ferrovia**. Goiânia: Kelps, 2011.

RAMOS, Eucarice de Souza. **História de Anápolis – Cidade de Ana**: o começo. Goiânia: Kelps, 2013.

SARMATZ, Leandro. Espiritismo, que religião é essa? **Superinteressante**, São Paulo, 18 jan. 2017. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/historia/espiritismo-que-religiao-e-essa/>>. Acesso em: 28 abr. 2017.